



# OS INTERESSES SOVIÉTICOS NO CARIBE

Daniel Fitz – Simons

---

*Transcrição de matéria traduzida do Journal Of Defense and Diplomacy, Vol 5, nº 7, publicada na Military Review, Edição Brasileira, Jul/Ago. 88.*

Consta de sua sinopse:

*“Nos aspectos econômico, cultural e militar, as ilhas do Caribe, o México e a América central continuam sendo, estrategicamente, essenciais para a defesa dos EUA. Esta importante região geopolítica está sendo alvo de uma crescente ofensiva ideológica e militar soviética que procura, em sua visão estratégica, desviar a atenção dos EUA com relação à OTAN e enfraquecer a presença norte-americana no teatro europeu”.*

---

**H**Á POUCO mais de 25 anos, a União Soviética logrou êxito, ao usar a revolução de Fidel Castro como veículo, em transformar a estratégica ilha de Cuba numa base aeronaval permanente. No decurso disso, o mundo esteve perto, mais do que nunca, da guerra nuclear durante a crise

dos mísseis cubanos de 1962. Mais recentemente, os soviéticos ampliaram sua presença militar, de Cuba até o continente americano, utilizando a Nicarágua como uma nova, e talvez mais eficaz, base de subversão e infiltração numa campanha de enormes proporções, visando a desestabilizar a América Central

e o México, na fronteira sul dos Estados Unidos.

A proximidade estratégica da América Central e do México torna essas áreas geopolíticas críticas para a segurança dos EUA. Não se pode esperar que os EUA mantenham seus compromissos militares na Europa Ocidental, e muito menos em áreas mais remotas como Angola ou o Afeganistão, sem terem antes estabelecido uma postura de defesa adequada contra incursões soviéticas nas suas próprias fronteiras. Na verdade, a situação estratégica da aliança do Atlântico certamente se deterioraria se os Estados Unidos permanecessem de braços cruzados, permitindo que os soviéticos ameaçassem as suas vias marítimas comerciais, o Canal do Panamá e o tão importante fluxo de petróleo procedente da Venezuela e do México.

Parece evidente, que, à medida que se intensificar a intervenção soviética no Caribe, maior será a desestabilização no continente americano. De fato, o impacto demográfico desse processo de desestabilização já está começando a se evidenciar em Miami, Los Angeles e Washington, onde milhares de centro-americanos vêm se refugiando dos horrores da guerra e de revoluções violentas.

A crescente presença soviética na Nicarágua, a insurreição

guerrilheira em El Salvador e a possível instabilidade no Panamá, na Guatemala e no México já forçaram os Estados Unidos a desviar recursos militares para a América Central. Dessa forma, a Organização do Tratado do Atlântico Norte não mais pode confiar na premissa de que seu flanco sul é completamente invulnerável. Caso o ímpeto da revolução Marxista se alastre para o norte na direção do México, calcula-se que seriam necessárias, no mínimo, seis divisões do Exército dos EUA para proteger a fronteira mexicano-norte-americana. Além disso, outra base de submarinos soviética na Nicarágua, além da que já está situada em Cuba, enfraqueceria, de maneira efetiva, o poder naval dos EUA para proteger a fronteira mexicano-norte-americana. Além disso, outra base de submarinos soviética na Nicarágua, além da que já está situada em Cuba, enfraqueceria, de maneira efetiva, o poder naval dos EUA numa escala global e fixaria as já demasiadamente distendidas esquadras navais em águas regionais.

## A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA

A importância do Caribe para os estrategistas militares não é nova. Logo após as viagens de Cristóvão Colombo, as potências européias reconheceram

que o acesso às águas do Caribe era essencial, tanto por motivos comerciais como militares. Os bucaneiros ingleses, franceses e dinamarqueses começaram a atacar os galeões espanhóis no Caribe e, durante os três séculos seguintes, essa porção marítima estratégica foi disputada pelas grandes marinhas imperiais da Europa. Os conquistadores espanhóis logo descobriram a importância estratégica de Cuba, empregando a ilha como base para a conquista dos grandes impérios asteca e inca no continente americano, assim como de um local a partir do qual pudessem controlar as vias marítimas e defender as colônias espanholas. Os britânicos, sempre alertas à estratégia naval, conquistaram Cuba temporariamente durante as guerras francesas e indígenas do século XVIII. O grande patriota cubano José Martí referiu-se ao Caribe, certa vez, como "o pivô das Américas", e o famoso estrategista naval norte-americano Alfred Thayer Mahan comparou o Caribe com o Mediterrâneo, em importância política e militar.

No decorrer do século XIX, a predominância dos EUA nessa área foi primeiramente contestada pela França e Inglaterra. Napoleão III da França aproveitou-se logo da Guerra de Secessão norte-americana para possuir o Imperador fantoche

Maximiliano no México. Posteriormente, durante o século XX, a Alemanha e a União Soviética também desafiaram essa hegemonia, mas foi a ameaça de uma intervenção européia, sob o manto da Santa Aliança, que levou os EUA a sancionar a Doutrina Monroe, precavendo-se contra novas incursões européias no Hemisfério Ocidental.

No início do século XX, as forças navais britânicas, italianas e alemãs ameaçaram a Venezuela, e, durante a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha tentou conquistar o México com o intuito de impedir que os Estados Unidos se unissem aos Aliados. Berlim tinha a esperança de imobilizar as forças norte-americanas na fronteira mexicana de modo a não serem enviadas para a frente européia. Em 1917, os EUA adquiriram as Ilhas Virgens da Dinamarca para impedir o deslocamento de navios de guerra alemães pelas ilhas e pelo Canal de Anegada.

Durante os anos 30, a Política de Boa Vizinhança, implementada pelo Presidente Franklin D. Roosevelt, visou a fortalecer as nações do Caribe contra a ideologia nazista e a subversão militar. Por ocasião da eclosão da 2ª Guerra Mundial, os submarinos alemães no Caribe tentaram interromper o fluxo de petróleo procedente da Venezuela e do México destinado aos aliados. Além disso, as li-

nhas de suprimento entre os Estados Unidos e a Europa estavam seriamente ameaçadas. Por essa razão, os EUA decidiram adotar novas medidas para defender o acesso ao Caribe pelo Atlântico. Em troca de 50 contratorpedeiros antigos, a Grã-Bretanha autorizou a construção, pelos norte-americanos, de bases militares nas Bahamas, Ilha Grand Turk, Antígua, Sta. Lúcia e Trinidad e Tobago.

Mais da metade dos suprimentos enviados pelos EUA às frentes européia e africana partiu de portos no Golfo do México, passando pelo Caribe. Nas fases iniciais da 2ª Grande Guerra, os submarinos alemães destruíram toneladas de material aliado, afundando navios de carga perto do Estreito da Flórida, apesar de as forças anti-submarinas aliadas desfrutarem de uma vantagem de dois para um. Os submarinos causaram grandes danos, afundando, em seis meses, 260 navios mercantes, cuja metade era constituída de petroleiros. Nos seis primeiros meses de 1942, 114 navios de carga, totalizando 511.000 toneladas, acabaram no fundo das águas do Caribe.

A importância estratégica do Caribe foi aumentada ainda mais pelo Canal do Panamá, que permitiu aos EUA manterem uma presença naval em três oceanos, mesmo dispendo de uma marinha capaz de proteger

apenas um oceano e meio. Antes do término da construção do canal, em 1914, os Estados Unidos estabeleceram bases militares, visando à sua proteção. As bases navais na baía de Guantánamo, Cuba, e em Porto Rico protegiam os Canais do Passa Vento e de Mona.

Após a 2ª Grande Guerra, o tráfego no canal continuou a aumentar. Durante a Guerra da Coreia, 22 por cento do efetivo e material para lá enviados atravessaram o istmo panamenho. Embora os navios-aeródromos e superpetroleiros superassem a capacidade do canal, ele reteve a sua importância estratégica durante a Crise dos Mísseis Cubanos e a Guerra do Vietnã.

Na década que se seguiu à 2ª Guerra Mundial, o mundo foi polarizado pela Guerra Fria. As vias marítimas comerciais tornaram-se cada vez mais vitais para o flanco sul da OTAN em consequência das crescentes remessas de matérias-primas escassas. Os estrategistas norte-americanos tornaram-se posteriormente cada vez mais preocupados com a bacia do Caribe, conforme destacou Thomas D. Anderson em *Geopolitics of the Caribbean*:

*Um dos principais objetivos de Washington tem sido o de impedir, aos inimigos em potencial, o acesso às ilhas ao longo da orla oriental do Caribe. A ca-*

deia de ilhas tem sido comparada com uma cerca encurvada com cinco portões principais... Além disso, existem, entre as pequenas ilhas orientais, passagens mais estreitas, das quais onze no mínimo, são suficientemente profundas para serem navegadas por qualquer navio atualmente em serviço. O controle dessas vias de acesso proporcionou segurança ao deslocamento marítimo pelo Golfo e o Caribe, bem como uma barreira protetora contra ataques que tivessem como alvo o Canal do Panamá. A capacidade ampliada dos submarinos, aeronaves e mísseis modernos vem mudando algumas dessas relações. Não se sabe exatamente, contudo, até que grau os ajustes nas estratégias geopolíticas têm acompanhado os avanços na tecnologia militar.

A era espacial também tem aumentado a importância estratégica da bacia do Caribe. As estações de rastreamento soviéticas, localizadas em Cuba, são capazes de detectar o lançamento de mísseis balísticos intercontinentais norte-americanos e de monitorar cuidadosamente os vôos de testes, satélites e sistemas de órbita. Cuba dispõe de um sofisticado sistema de coleta de informações em Lourdes, capaz de interceptar ligações telefônicas no território continental dos EUA. Por último, a combinação de submarinos,

aeronaves e mísseis em Cuba empresta maior ênfase à necessidade de uma presença naval norte-americana no Caribe. Mesmo na era do míssil intercontinental, a bacia do Caribe mantém a sua importância estratégica para os Estados Unidos.

## A ESTRATÉGIA SOVIÉTICA NO CARIBE

Os Estados Unidos têm tradicionalmente empregado os mares como barreiras defensivas e, ao mesmo tempo, as vias marítimas para marcar presença na Europa, criando um vínculo entre os aliados na Europa e uma rápida e eficaz resposta norte-americana. O fator mobilidade dos EUA fundamentou-se na premissa de um Hemisfério Ocidental isento de quaisquer ameaças externas de vulto. A União Soviética aproveitou a oportunidade, no início da década de 60, para mudar essa situação, ao projetar seu poder no Caribe através da Revolução Cubana. A estratégia soviética visa ao aproveitamento da dependência ocidental das vias marítimas de comunicação (SLOC) vulneráveis nos pontos de estrangulamento naturais: Canal de Yucatán, entre o México e Cuba, Estreito da Flórida, entre os Estados Unidos e Cuba, Canal do Passa Vento, entre Cuba e Jamaica e o Haiti, Canal

de Mona, entre a República Dominicana e a ilha norte-americana de Porto Rico, e o Canal do Galeão, ao sul de Granada.

Além disso, qualquer ameaça militar aos Estados Unidos na América Central tem sido sempre considerada importante, dado a proximidade do Canal do Panamá, que serve não apenas como passagem para o tráfego marítimo entre o litoral Pacífico dos EUA e a Europa, mas, também, como um vínculo entre os litorais Atlântico e Pacífico dos próprios Estados Unidos. Conseqüentemente, os interesses estratégicos dos EUA na América Latina permanecem voltados para o Caribe. Eles nunca devem ser interpretados no estrito senso, em virtude de que ações hostis podem alastrar-se de áreas afastadas para as vias marítimas críticas.

Em qualquer conflito futuro, um número considerável de recursos norte-americanos será empenhado para proteger o Canal do Panamá, enfraquecendo, assim, a presença naval dos EUA nos teatros de operações dos oceanos Índico, Pacífico e Atlântico. Caso o canal fosse destruído, prevê-se que o desvio necessário do tráfego marítimo, procedente da costa oeste dos EUA e contornando o Cabo Horn, acrescentaria até três semanas ao percurso, o que se constituiria num período crucial, e talvez fatal, na eventualidade

de um conflito convencional na Europa. Os suprimentos da Califórnia com destino à Europa, por exemplo, teriam de percorrer o litoral Pacífico da América do Sul até o ponto meridional do continente, na Antártica, para, posteriormente, atravessar todo o Atlântico.

Em qualquer crise européia, 60 por cento dos suprimentos da OTAN, a maior parte de seu petróleo e o grosso dos reforços norte-americanos destinados à Europa partiriam de portos no Golfo do México ou atravessariam o Canal do Panamá. Além disso, a grande maioria das instalações terrestres norte-americanas se encontra a leste dos Montes Apalaches, o que criaria maior dependência dos portos de Nova Orleans, de Mobile, no Alabama, e de Galveston, no Texas, que poderiam ser bloqueados, ou pelo menos ameaçados, por submarinos soviéticos baseados em Cuba. A América Central, o México e a Venezuela são, também, importantes fornecedores de gêneros alimentícios, matérias-primas e petróleo para a Europa. Portanto, novas conquistas soviéticas no Caribe poderiam gerar uma forte pressão sobre a linha de suprimento da OTAN.

Em termos econômicos, a bacia do Caribe não é de suma importância para os soviéticos, cujo escasso comércio na área está voltado principalmente para

Cuba, a Nicarágua e, em menor escala, para o Panamá e o México. Não obstante, os vínculos econômicos estão aumentando e Moscou admite, abertamente, que a região é uma vasta fonte em potencial de matérias-primas. Para o Kremlin, a importância da América Central é mensurada pela facilidade com que pode ser empregada contra a OTAN.

O Caribe constitui-se, também, numa importante via de comércio entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Em tempo de paz, 44 por cento de todo o comércio dos EUA e 55 por cento de todas as importações de petróleo bruto atravessam o Caribe. Atualmente, do total das importações de petróleo pelos EUA, a quantidade procedente do Caribe é equivalente à do golfo Pérsico, sendo a metade refinada na região. Alguns analistas prevêem que, até o fim deste século, até cinquenta por cento de todas as matérias-primas importadas pelos EUA passarão pelas rotas do Caribe.

Durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais, os EUA foram capazes de manter um equilíbrio de poder razoável, na balança global, em virtude da segurança inerente às suas fronteiras terrestres. Além disso, o desdobramento de guarnições terrestres de vulto ao longo da fronteira com o México e no Caribe

foi desnecessário. Todavia, a presença de submarinos e aeronaves soviéticos, bem como de técnicos e assessores militares do bloco oriental, mudaram gradativamente a posição de supremacia dos EUA no Caribe.

As forças armadas cubanas, treinadas e equipadas pelos soviéticos, dispõem atualmente de um efetivo que supera o do Brasil, sendo apenas inferiores às dos Estados Unidos no Hemisfério Ocidental. As forças anti-submarinas ocidentais no Caribe não mais possuem a vantagem de dois para um que previamente desfrutavam sobre os submarinos alemães na 2ª Guerra Mundial. A presença de forças soviéticas no Caribe poderia provar ser mais ameaçadora do que freqüentemente se supõe, uma vez que a presença em potencial de submarinos e caças-bombardeiros soviéticos na Nicarágua pode desestabilizar, ainda mais, a balança do poder regional. Pouco antes da invasão de Granada pelos EUA em 1983, as equipes de construção cubanas estavam trabalhando com afinco na ampliação de um aeroporto que teria projetado os caças-bombardeiros soviéticos a maiores distâncias sobre as vias marítimas centro e sul-americanas.

Os soviéticos construíram em Punta Huerte, na Nicarágua, o maior aeroporto da América Central, capaz de ser utilizado

por qualquer aeronave do arsenal soviético. Dessa forma, as instalações navais norte-americanas na Costa Oeste ficariam facilmente dentro do raio de ação dos caças, aeronaves anti-submarinas e de reconhecimento soviéticos. Atualmente, os soviéticos utilizam Cuba como ponto de partida de seus vôos rotineiros sobre as instalações aeronavais norte-americanas na Costa Leste, monitorando cuidadosamente os desdobramentos das Forças Armadas dos EUA.

Desafortunadamente, tem havido uma costumeira indiferença a respeito da importância estratégica da bacia do Caribe por parte do atual enfoque político-militar norte-americano, gerado por uma combinação de confiança excessiva e desvio da atenção para outras áreas "mais urgentes" de preocupação global. Mas conforme observou o analista de assuntos centro-americanos Robert Leiken, da Fundação Carnegie para a Paz:

*... a União Soviética é uma singular superpotência ciente dos benefícios militares, políticos e ideológicos da América Latina. O principal objetivo estratégico de Moscou, na América Central, é transformar a região de uma "reserva estratégica" dos EUA numa área de instabilidade e disputa entre as superpotências... Eles [os soviéticos] acreditam que instabi-*

*lidade e conflitos no Caribe desviam os recursos e a atenção dos norte-americanos de outras áreas do mundo consideradas, por Moscou, de alta prioridade. As implicações, no que tange à segurança dos Estados Unidos, ao manter suas forças empenhadas no Caribe quando poderiam vir a ser decisivas num conflito da OTAN, são de grande importância.*

### A CONEXÃO CUBANO-SOVIÉTICA

A Marinha Cubana foi ampliada e participa, com frequência, de exercícios conjuntos com a Marinha Soviética, estabelecendo, efetivamente, uma força do Pacto de Varsóvia no Caribe. O Almirante da Frota Soviética, Sergei Gorshkov, fez uma importante visita a Granada em 1980, ocasião em que foi planejado um dique flutuante soviético destinado a atuar próximo do litoral Pacífico da Nicarágua. Os sandinistas também reivindicaram as Ilhas de San Andrés, atualmente de posse da Colômbia, situadas no Caribe, ao longo das principais vias marítimas entre o Canal do Panamá, o Canal de Yucatán e o Canal do Passa Vento. Elas protegem o acesso pelo norte ao rio San Juan, que seria a saída para o Caribe de qualquer futuro canal nicaraguense. Em 1983, o Ministro das Relações Exterio-



res da Costa Rica, Volio Jiménez, acusou Manáguas de firmar um tratado secreto com a União Soviética para a construção de um canal interoceânico através do Rio San Juan e do Lago Nicarágua, o qual permitia aos soviéticos desdobrarem seus navios em ambos os lados do istmo centro-americano.

Após o tratado assinado por Kennedy e Kruchev, como consequência da crise dos mísseis cubanos de 1962, os soviéticos, ao esperarem pacientemente pelas administrações presidenciais norte-americanas subseqüentes, sigilosamente transformaram Cuba numa fortaleza armada além de todas as proporções em relação ao tamanho e à população do país. A militarização de Cuba, por parte dos soviéticos, transformou a ilha numa formidável potência caribenha. O regime de Fidel Castro recebe de Moscou, anualmente, uma média de 4 bilhões de dólares em ajuda, em troca de uma base de submarinos, aeroportos, instalações de treinamento de guerrilheiros, um sofisticado centro de coleta de informações e recrutas, para futuros empreendimentos soviéticos na fronteira meridional dos Estados Unidos.

Operando a partir da base cubana em Cienfuegos, os submarinos soviéticos podem ameaçar as vias comerciais e de comunicações entre os EUA e a

Europa, ao mesmo tempo em que 200 caças MiG-23, decolando de Cuba, vigiam constantemente os grupamentos navais e as instalações militares norte-americanas no Caribe, vez por outra testando seus sistemas de detecção e alerta. Há, aproximadamente, 15.000 militares e civis soviéticos em Cuba, inclusive uma brigada de combate totalmente equipada. Os campos petrolíferos da Venezuela e do México, o Canal do Panamá e os comboios navais e comerciais norte-americanos com destino à Europa estão todos dentro do raio de ação dos submarinos e aeronaves soviéticos baseados em Cuba.

A URSS dispõe atualmente de maiores oportunidades, em virtude de sua base de operações em Cuba. A Marinha Soviética já realizou, desde 1969, 26 exercícios só no Caribe, capacidade esta que concretizou o antigo sonho czarista de possuir uma Marinha de águas quentes. Os soviéticos vêm intensificando, gradualmente, a sua atividade naval no Caribe como parte de um esforço conjunto, visando a reforçar sua postura política e militar. Os contratorpedeiros da classe *Kashin*, os cruzadores da classe *Kirov* e as fragatas lançadoras de mísseis dirigidos da classe *Krivak* ostentam, audaciosamente, a bandeira soviética ao navegarem periodicamente pelas águas do Caribe. Os

navios de superfície soviéticos navegam, com frequência, pelo golfo do México, ao longo do litoral do Texas e da Louisiana, sendo que, três anos atrás, uma flotilha incluía um porta-helicópteros.

O item mais importante na agenda soviética é o rompimento da aliança EUA-OTAN. Moscou deu início, durante a década de 70, a extensos movimentos de flanco com vistas a interromper as vias marítimas da Europa Ocidental, e, no decorrer da última década, os soviéticos conseguiram instalações navais adjacentes ao Mar Vermelho, ao golfo Pérsico e às vias marítimas africanas ao largo do litoral angolano. Durante os seus exercícios navais de escala global (OKEAN), as belonaves soviéticas demonstraram que, com o apoio das instalações em Cuba, seu poder se estendeu até o Atlântico Sul, por onde os navios ocidentais devem atravessar caso o Canal do Panamá seja fechado. Os navios de guerra soviéticos ancorados em Cuba também realizaram exercícios destinados a interditar as vias marítimas do Atlântico Norte, de suma importância para as linhas de suprimento dos EUA à Europa.

## **A OFENSIVA MARXISTA-LENINISTA**

Neste ínterim, Moscou tem-

se valido habilmente de seu aliado cubano para lançar uma ofensiva política e ideológica no Hemisfério Ocidental. A postura regional da União Soviética foi reforçada por três fatores locais: pobreza opressora, sentimentos antiamericanos e intelectuais radicais de classe média. Se bem que os soviéticos não tivessem iniciado as revoluções no Caribe, seus agentes locais e aliados ideológicos incorporaram ou monopolizaram a dissensão popular, canalizando-a em prol dos objetivos soviéticos.

Já em 1971, o estrategista soviético Boris Ponomarev escreveu na publicação *Kommunist*:

*O crescimento do movimento revolucionário no continente latino-americano é de extraordinária importância para o processo revolucionário mundial. As aparentemente confiáveis linhas de retaguarda do imperialismo norte-americano estão se transformando num incontrolável foco de revolução antiimperialista. Um movimento revolucionário extremamente poderoso está surgindo ao lado do principal baluarte do imperialismo global, os Estados Unidos. Essas mudanças estão provocando, e inquestionavelmente continuarão a provocar, um forte impacto nas mudanças futuras na correlação de forças mundiais em prol da classe trabalhadora internacional e do socialismo.*

As pressões feitas pelos esquerdistas radicais, fundamentadas no modelo antidemocrático totalitário soviético, continuam a constituir um potencial para instabilidade política que o Kremlin pode explorar com facilidade. Na Ilha da Juventude, pertencente a Cuba, literalmente milhares de estudantes caribenhos da classe baixa são doutrinados em princípios antiocidentais e nas teorias marxistas-leninistas. Jovens guerrilheiros e terroristas de praticamente todos os países da América Latina estão sendo encorajados a derrubar as democracias do tipo ocidental, sob o pretexto de justiça social e da inevitabilidade histórica da revolução proletária.

A ofensiva ideológica soviética vem adotando a forma de visitas judiciosamente programadas a Cuba, bolsas de estudo para frequentar universidades do bloco oriental e intercâmbios culturais, inclusive equipes esportivas, balé revolucionário, equipes de saúde, engenheiros e equipes de construção, todos solidários com os movimentos "progressistas" locais. Um mecanismo de âmbito mundial coordena as organizações soviéticas no exterior, que operam nas nações democráticas com o objetivo de estimular a oposição às políticas dos EUA e gerar apoio às iniciativas soviéticas. Uma sofisticada rede de informações, atuando em coordena-

ção com membros dos partidos comunistas latino-americanos locais, suplementa esse vasto esforço de propaganda.

Atuando como mediador patrocinado pelos soviéticos, Fidel Castro ajuda a consolidar as diversas facções guerrilheiras marxistas em países como El Salvador. A presença de assessores e armamentos cubanos asseguraram a ascensão ao poder da facção marxista dos sandinistas, e 2.000 a 3.000 soldados cubanos atualmente servem como uma guarda do palácio da ditadura marxista-leninista em Manágua. Além disso, pilotos e assessores cubanos ajudam os sandinistas na sua luta contra os guerrilheiros contra-revolucionários. Cuba continua a servir de depósito de armas e centro de treinamento para as forças guerrilheiras pró-soviéticas na Guatemala, Honduras, Costa Rica e nas ilhas caribenhas.

As disputas fronteiriças e conflitos regionais na América Central, bem como a desastrosa situação econômica do México, constituem-se em consideráveis fontes de oportunidades para os objetivos estratégicos do Kremlin. Ao explorar o medo latente e a animosidade histórica contra o "imperialismo yanque" e tomar o lado de uma pequena nação contra outra, os soviéticos podem facilmente agravar crises diplomáticas já delicadas. Quando os Estados Unidos

apoiaram a Grã-Bretanha durante a disputa pelas Ilhas Malvinas, os soviéticos rapidamente tomaram o partido da Argentina, embora Buenos Aires estivesse no lado oposto do espectro ideológico.

## NOVAS VIAS DE ACESSO SOVIÉTICAS

No fim da década de 70, Moscou começou a buscar novas oportunidades no Caribe, e a estratégica ilha de Granada, encravada entre as rotas do petróleo venezuelano, proporcionou ao Kremlin o seu segundo ponto de estrangulamento no Caribe. Construtores cubanos foram rapidamente enviados para construir uma pista que pudesse ser utilizada por bombardeiros soviéticos e o costureiro elenco de assessores da Bulgária, Alemanha Oriental e Coreia do Norte foi para lá enviado a fim de consolidar o governo revolucionário. No entanto, esses ambiciosos planos soviéticos foram frustrados quando as forças dos EUA liberaram a ilha, após o assassinato de Maurice Bishop.

A nicarágua, por outro lado, continuou a constituir-se numa oportunidade sem precedentes para estender o poder soviético no Hemisfério. Bem cientes de que um repentino aumento de pessoal soviético na América Central poderia alarmar a opi-

nião pública nos EUA, eles se valeram, habilidosamente, de pessoal cubano, líbio, búlgaro e argelino para enviar toneladas de armamentos sofisticados aos sandinistas.

O volume dessa ajuda aumentou constantemente, de seis remessas de armas, em 1982, para 25 em 1983, finalmente atingindo 37 em 1984. Até 1985, a ajuda militar soviética aos sandinistas havia totalizado 500 milhões de dólares, excluindo milhões de dólares em ajuda econômica. Os soviéticos investiram, até hoje, 70 milhões em 40 novas instalações militares em várias partes da Nicarágua, inclusive o aeroporto em Punta Huerte. Os pilotos nicaraguenses também foram treinados para voar os *MiG-23* soviéticos.

No decorrer dos últimos oito anos, os soviéticos têm gradualmente construído uma máquina militar na Nicarágua, cujo poder de fogo é inigualado e sem precedentes na América Central. Atualmente, os sandinistas ostentam uma força armada de 120.000 homens, equivalente à metade da do México, cuja população é 25 vezes maior do que a da Nicarágua. O arsenal sandinista inclui CC pesados, viaturas anfíbias, lançadores de foguetes, artilharia pesada, aeronaves de transporte e helicópteros armados, todos de fabricação soviética. Além disso, um incessante fluxo de técni-

cos e pessoal militar do bloco oriental vem acelerando o realinhamento ideológico da Nicarágua com o modelo do comunismo marxista-leninista soviético.

Em consequência disso, as forças militares norte-americanas têm se envolvido cada vez mais, durante os últimos cinco anos, na América Central. Exercícios militares conjuntos norte-americanos e hondurenhos, apoiados por grupamentos navais dos EUA, têm-se tornado rotineiros. O Exército Salvadorenho e guardas de fronteira costariquenhos estão sendo treinados por assessores militares norte-americanos e unidades da Guarda Nacional dos EUA fazem rodízio de missões de serviço ativo em Honduras. Se bem que o número relativo de soldados e navios norte-americanos envolvidos seja reduzido, o compromisso para com a região vem aumentando gradualmente, não restando dúvida de que os Estados Unidos serão forçados a aumentar sua presença militar na região caso seja permitido aos sandinistas consolidarem-se no poder.

À luz do sucesso dos sandinistas na Nicarágua, Moscou reavaliou suas táticas gradativas na América Central. Os partidos comunistas nacionais foram instados a integrar-se às forças guerrilheiras locais e fomentar a harmonia entre elas. A luta armada foi restabelecida e

o banal aventureirismo burguês, previamente criticado, e a ênfase dada por "Che" Guevara, o antigo *bête noire* do Kremlin, à guerrilha foram revitalizados. Os aliados do bloco oriental foram habilmente usados como testas-de-ferro a fim de acalmar as preocupações regionais sobre o intervencionismo soviético. Em virtude disso, existe uma crescente preocupação em Washington no que diz respeito à alarmante hipótese de uma reação em cadeia produzida por sucessivas vitórias marxistas em El Salvador, na Guatemala e, finalmente, no México.

Além do mais, acontecimentos recentes vêm demonstrando que o terrorismo constitui, provavelmente, o método menos dispendioso e mais efetivo de interromper o *status quo* e abalar os governos democráticos. Tal fato é particularmente perturbador quando se considera as conexões terroristas dos regimes castrista e sandinista. Os ataques contra os fuzileiros navais norte-americanos em El Salvador e o assalto terrorista do M-19 ao Supremo Tribunal da Colômbia, em 1985, serviram para demonstrar a ameaça que o terrorismo representa para a estabilidade numa das regiões mais populosas do mundo.

Até o fim deste século, a América Central e o México permanecerão vulneráveis à subversão patrocinada pelos so-

viéticos. Os escassos recursos alimentícios e a explosão demográfica estão agravando as pressões sociais já existentes. As contínuas inequidades econômicas e disputas nacionalistas latentes ainda constituem um potencial para desordens violentas. A exploração pelos soviéticos dessa instabilidade política e econômica, no flanco sul dos EUA, apresenta uma verdadeira ameaça à segurança.

Finalmente, a atual política de contenção dos EUA na América Central exige o desdobramento permanente de suas forças numa missão de policiamento. Em maio de 1986, um estudo do Departamento de Defesa previu que a contenção dos sandinistas marxistas-leninistas iria custar de 7,2 a 9 bilhões de dólares anualmente aos EUA, além de exigir o empenho, a longo prazo, de 100.000 soldados norte-americanos, várias forças-tarefa de navios-aeródromos e um efetivo razoavelmente grande da Força Aérea. Isto iria diminuir a potência e a credibilidade das forças dos EUA, com um limitado envolvimento soviético, e imporia, ao mesmo tempo, uma sombria escolha entre retirar algumas das forças desdobradas na Europa ou aumentar, em caráter permanente, a estrutura de defesa dos EUA, o que parece altamente improvável dado o atual ambiente político em torno do orçamen-

to nacional. Dessa forma, os soviéticos poderiam superar os EUA na manobra, numa escala global, ao aumentar o ônus da defesa regional, além do já existente em proteger as linhas de comunicações.

## UMA PREOCUPAÇÃO PARA OS EUA

Num sentido militar, comercial e cultural, as ilhas do Caribe, o México e a América Central continuam a ser de suma importância estratégica para a defesa dos EUA. Entretanto, os vínculos que unem essas regiões geopolíticas estão ameaçados por uma crescente ofensiva militar e ideológica soviética. Essa gradativa projeção da influência e do poder soviéticos no continente americano propagou-se de Cuba até a Nicarágua, mudando, dessa forma, a equação estratégica no Caribe e criando a possibilidade de um maior desvio do poder militar norte-americano, de outros compromissos globais, para uma região cuja proximidade a torna crítica para os mais elementares interesses de segurança norte-americanos. O problema reside no fato de que os recursos militares dos EUA não são inesgotáveis e que o desafio soviético no Caribe traz consigo o potencial para distrair e desviar as forças dos EUA do teatro de operações europeu.

Num sentido estritamente militar, a União Soviética não desfruta de uma posição estrategicamente segura para manter um envolvimento direto em grande escala na América Central, nem é o Caribe considerado vital pelo Kremlin para sua própria sobrevivência. Todavia, o aventureirismo soviético, tão perto dos EUA, constitui, em si, um empreendimento de baixo risco, uma vez que o fracasso provocaria limitadas repercussões propagandísticas e os sucessos, como os obtidos em Cuba e na Nicarágua, proporcionariam grandes benefícios diplomáticos e militares. Embora uma intervenção direta pelos soviéticos nunca deva ser excluída totalmente, eles exibem uma preferência histórica em fomentar a desestabilização através da guerra de guerrilhas e do terrorismo, atuando com mais freqüência em colaboração com seus aliados cubanos. Durante a crise dos mísseis cubanos, e mais recentemente em Granada, ocasiões em que os Estados Unidos demonstraram a sua determinação em enfrentar a ameaça soviética na sua própria esfera de influência, Mos-

cou optou por uma linha de ação mais segura.

Além disso, a ameaça soviética à região vem enfrentando resistência, e a vitória das facções guerrilheiras pró-soviéticas no Caribe não provou ser, contrariando as freqüentes declarações da doutrina marxista-leninista, um fato historicamente inevitável. Na verdade, a decisiva liberação de Granada pelos EUA pôs termo, de uma vez por todas, às alegações da Doutrina Brejnev, a qual salientava que, uma vez estabelecido o comunismo num país, não havia maneira de reverter o processo. Muitos dos problemas regionais nas áreas de desenvolvimento econômico, disputas fronteiriças e instabilidade social continuarão a longo prazo, mas é de se esperar que os EUA sejam capazes de ajudar seus aliados caribenhos a solucionar esses assuntos urgentes, antes que possam ser explorados por Moscou. Somente uma ajuda militar e econômica adequada a essa tão importante região estratégica protegerá o Caribe contra uma futura subversão soviética.

---

*Daniel Fitz-Simons é Ph.D., analista de assuntos latino-americanos no Centro de Operações de Informações da Marinha dos EUA, em Suitland, Md., e professor de relações EUA-Caribe na Universidade Georgetown, Washington, D.C.*

---